

O BURRO BRANCO

Faz um tempão que não escrevo. Precisamente, desde o dia 8 de junho passado, não "converso" com os leitores, usando minhas palavras simples e açucaradas, como de hábito. Como disse um conhecido meu, rico, mas iletrado, o pessoal "reclamaram" porque as crônicas não têm sido publicadas. É que andei meio por baixo, com uma forte pancada que o destino nos deu e que me tirou o equilíbrio. Aliás, em parte foi bom e confortador, pois o amor e a união da família renasceram pujantes e belos. Quando ainda estava cheio de angústia e apreensão, voltei para Deus e devo ter orado todas as rezas do mundo. E tudo deu certo.

Agora, estou voltando para as páginas deste jornal. Ainda inseguro e claudicante, com dificuldade para coordenar o pensamento e dominar as emoções. Neste passo, de público agradeço as palavras amigas, os telefonemas e as "correntes" de fé, que nos protegeram.

Vou contar um fato simples e os pensamentos dele decorrentes. Tenho poucos amigos e quase nenhuma vida social, o que é normal na minha idade. Livros, revistas, televisão algumas viagens para ver os dois outros filhos e a

resolução de pequenos problemas do dia a dia, me enchem todo o tempo.

Várias vezes por semana, vou à casa do filho mais velho, (que fica no Jardim Campestre) para conversar e ouvir as histórias contadas pelos três netos. São ótimas, porque um deles mente como gente grande.

Minha mulher e eu saímos, de Fiat, pela 7 de Setembro, indo até quase ao fim do Itauera. Depois, "quebramos" à direita (duas vezes) e chegamos ao nosso destino. Vamos à noite porque o filho, nora e netos já voltaram do trabalho e da escola.

Na Avenida Fuad Mucari (amigão dos tempos da aviação e da mocidade), precisamente na esquina da Rua Rodrigues Alves, existe um terreno baldio, limitado com cercas de pau-a-pique. Todas as vezes, na ida e volta, vejo preso no interior do lote, um burro branco, meio encardido de terra. Ele está só e muito triste, sempre quieto e engolfado em suas lembranças. Não sei de onde vem sua amargura imensa: se é porque a grama é pouca, se em razão de sua prisão ou se a solidão o avassala. Ao passar pelo local escuro, me ocorrem os mesmos pensamentos. Fico morrendo de dó, pois o velho burro branco não tem nenhuma companhia. Sinto indescritível pena, já que ele não corre, nem brinca, nem relincha e tão pouco pode coçar outros de sua espécie.

Uma ocasião fiquei tão agoniado, que cheguei a parar o automóvel perto do burro. Interpelado, respondi com evasivas e fingi procurar meu maço de cigarros que teria caído no tapete. Na verdade, tinha vontade de descer e ficar perto do animal (que também é de Deus), dizer-lhe algumas palavras, alisar-lhe o pelo sujo. De outra feita, a custo dominei o impulso de levar-lhe uma braçada de capim verde ou um jacá de espigas de milho. Antes o tivesse feito...

Na semana passada, não vi mais o burro. Fiquei apreensivo e procedi uma rápida investigação. Soube que ele tinha morrido. Disseram-me que o burro era muito velho e seu tempo chegara ao fim. Lamentei profundamente não ter levado a braçada de capim ou o jacá de espigas de milho. São Francisco de Assis deve ter-me censurado, dizendo: "Rubão, você foi um covardão, pôde dar uma pequena felicidade e ficou com medo da opinião pública. Quando é que você vai ter coragem de ser bom, olha, não se deve esperar muito tempo..."

Agora o terreno está vazio. O velho e infeliz burro encardido não mais existe. Mas, quando passo por lá ainda o vejo e tantas vezes penso nele. Mesmo pagando uma consulta danada de cara, fui a um psiquiatra na cidade de Mogi das Cruzes. Conte-lhe minha fixação e quis saber qual a razão de preocupar-me tanto com o animal e com suas solidão e tristeza.

Depois de falar muitas palavras difíceis, invocando Freud e outros luminares, o médico concluiu: Você se identificou com o burro, pelas solidão, tristeza e velhice. Mas não se preocupe. Tudo vai passar. Tome todo dia um antidepressivo, durante um mês e depois parta para uma bela pescaria. Com dez dias no rio, no campo, na mata, você estará novo e menos infeliz.

Tomei o remédio, fui pescar. Hoje não lembro muito do meu burro, mas ainda gosto dele, como de mim mesmo...